

Filme japonês é destaque na Mostra de SP

Diretor elogia documentário sobre o poeta Manoel de Barros e diz que seu longa causou estranheza em seu país

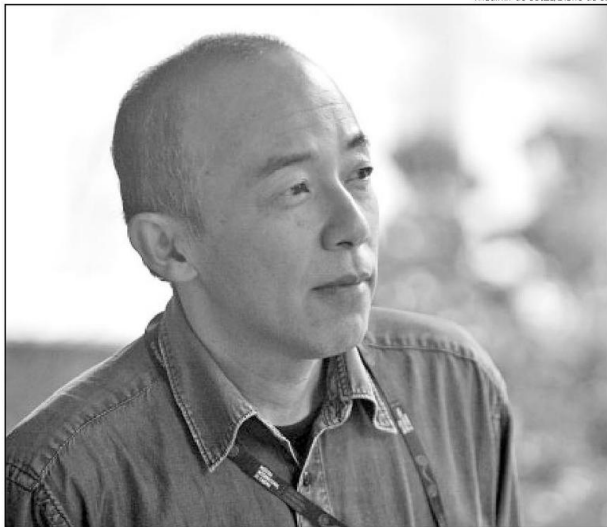
Rodrigo Fonseca

Enviado especial • SÃO PAULO

N o rescaldo das comemorações do centenário da imigração japonesa, a atração nipônica que mais disputa as atenções do público da 32ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo foi rodada a léguas de Tóquio, em uma Bolívia quase mítica. Dirigido por Toshifumi Matsushita, o drama "El regalo de la Pachamama" ganha ares de cult nesta segunda e última semana do festival paulista, que termina amanhã, após ter exibido cerca de 400 filmes desde o dia 17. Na tela, Matsushita conta uma fábula de tintas neo-realistas ambientada nas salinas bolivianas, narrando o cotidiano de Kunturi (Christian Huaygua), adolescente de 13 anos que aprende, a duras penas, o sentido do verbo perder.

Apartamento do cineasta ficava perto do WTC

— Eu moro em Nova York e estava lá quando aconteceram os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001. Meu apartamento ficava perto do World Trade Center. Depois que vi aquilo, pensei em duas coisas. A primeira, fazer um documentário para a TV japonesa. A segunda, e mais urgente, ir para algum lugar onde meus olhos pudessem encontrar serenidade. Foi quando me lembrei de uma dica de uns amigos que conheciam o Solar de Uyuni, na Bolívia, com a beleza de suas salinas — diz Matsushita ao GLOBO. — Quando cheguei lá, ao ver aquele povo tão diferente do meu, nasceu a vontade de fazer um filme que buscasse exatamente um valor capaz de aproximar a cultura japonesa à cultura boliviana,



TOSHIFUMI MATSUSHITA, na Mostra de São Paulo, que termina amanhã: drama rodado na Bolívia

ou seja, a idéia de que a morte não é um fim definitivo.

Rodado com atores não profissionais acostumados a trabalhar nas minas de sal, "El regalo de la Pachamama" explora as reflexões espirituais das comunidades indígenas bolivianas a partir dos sofrimentos de Kunturi em seu amadurecimento.

— Eu falo espanhol muito mal. Mas fiz questão de trabalhar com uma equipe local e com um elenco que viesse da região das salinas. Não queria ser um japonês filmando com bolivianos. Quería um sentimento de inte-

gração total — diz o cineasta de 58 anos, diretor do musical "Cuba amor".

Segundo ele, o filme tem causado estranheza no Japão.

— Mostrei imagens do filme a amigos, que se surpreendem com o fato de os bolivianos trabalharem nas minas de sal com técnicas artesanais, sem a utilização de máquinas. É algo que os japoneses estranham — diz o cineasta, cuja maior curiosidade em sua passagem pela Mostra de SP era conferir o documentário brasileiro "Pachamama", em que Eryk Rocha viaja até a fronteira do Brasil com a Bolívia e

com o Peru. — O filme dele tem um olhar sobre a América Latina bem diferente do meu.

Além de "Pachamama", Matsushita teve a chance de conferir mais uma produção nacional: o documentário "Só dez por cento é mentira", de Pedro Cezar, sobre o poeta Manoel de Barros.

— Esse filme sobre o poeta brasileiro tem um tom calmo e sereno. É isso que eu procuro no cinema. A tranquilidade dele é parecida com aquela que eu busco quando filmo. A vida é simples, leve. Sua expressão filmada também deveria ser assim. ■

Orwell na guerra, novo projeto de Hugh Hudson

Cineasta inglês anuncia produção

• Longe das telas há oito anos, desde que lançou "África dos meus sonhos", o cineasta inglês Hugh Hudson, integrante do júri da 32ª Mostra de Cinema de São Paulo, aproveitou a vinda ao Brasil para divulgar o projeto com vigor para redimir sua carreira: um filme sobre a passagem do escritor George Orwell (1903-1950) pela Guerra Civil Espanhola. Diretor de "Caruagens de fogo", vencedor do Oscar de melhor filme (e mais três estatuetas) em 1982, Hudson escalou Colin Firth para interpretar Orwell, o autor de "1984" e "A revolução dos bichos".

— Estou terminando o roteiro do projeto, que busca uma reflexão sobre o totalitarismo a partir dos olhos de Orwell, em seu engajamento contra a intolerância — diz o cineasta, cuja luta atual é fazer circular sua versão para "Revolução" (1985), fracasso de público e crítica. — Agora, as pessoas vão ver o filme que eu queria ter feito na época.

Estrelado por Al Pacino e centrado no processo revolucionário que gerou a independência americana, a produção naufragou nas bilheterias e foi alvo de ataques severos na imprensa. — Os americanos acha-

ram que eu estava usurpando a história deles. Parecem ter esquecido que a Inglaterra, o meu país, estava no centro daquela luta. Aquele episódio também é parte da minha história — diz o cineasta, que atribui o desastroso desempenho do épico à pressão dos produtores, que o lançaram sem a narração em primeira pessoa do personagem de Pacino.

"Revolution revisited", a versão reeditada do filme, tornou-se possível pelo empenho do diretor e pelo apoio de Pacino. Os dois redesenham o filme conservando as ambições poéticas do projeto original.

— Nos EUA, esse novo corte deve sair direto em DVD. Mas, na Inglaterra, estou tentando convencer alguns distribuidores a investir em um lançamento pequeno em cinemas — diz o diretor, que não vê uma identidade claramente delineada no cinema britânico contemporâneo. — Nos anos 1960, tivemos Tony Richardson e Lindsay Anderson. Era uma época de um grande cinema. Hoje, há boas potencialidades em alguns realizadores como John Crowley e Michael Winterbottom, que é irregular. E há sempre Ken Loach. Meu cinema é diferente do deles. Mas tenta ter sua poesia.

Festival de Roma causa decepção

Só mostra brasileira é destaque no evento, prejudicado por briga política

Vera Gonçalves de Araújo

Especial para O GLOBO • ROMA

C om grande má vontade, o prefeito direitista Gianni Alemanno está tentando ignorar a terceira edição do Festival Internacional de Cinema de Roma, criado e promovido pelo seu antecessor, o esquerdista Walter Veltroni. Uma das primeiras providências do novo prefeito da capital italiana — eleito em abril passado — foi mudar o diretor e até o nome do festival, que antes se chamava Festa do Cinema.

Para deixar claro que não faz questão nenhuma de promover e prestigiar o evento criado pelo adversário político, o ex-neofascista Alemanno compareceu somente à abertura do festival, em 22 de outubro, acompanhando no tapete vermelho o ator Al Pacino, que recebeu, em nome do Actor's Studio, o prêmio Marco Aurelio de Ouro.

Diretor substitui filmes americanos

O novo diretor, o crítico cinematográfico Gianluigi Rondi, de 87 anos, revolucionou todo o programa já preparado pela velha administração, cortando vários filmes americanos que iam ser apresentados em *avant-première* em Roma — como "W", de Oliver Stone, cinebiografia pouco amistosa do presidente americano George W. Bush. Rondi substituiu as produções de Hollywood por filmes portugueses, franceses, russos, argentinos, italianos, coreanos, alemães, japoneses e chineses. O festi-



VIGGO MORTENSEN, ao lado de Ed Harris: ataque ao primeiro-ministro atrai mais atenções que filmes

dançar e cantar, numa cenografia que misturou a arte barroca das fontes e igrejas de Bernini e Borromini com instalações sonoras criadas por Arto Lindsay. Nunca aconteceu em Roma uma concentração tão grande de cinema brasileiro: mais de 20 filmes, distribuídos nos dez dias do festival, que termina na próxima sexta-feira. Fernanda Montenegro e Nelson Pereira dos Santos foram acolhidos pelos italianos como ídolos do cinema mundial. Os selecionados italianos privilegiaram a grande riqueza de documentários sobre a resistência na se-

lotando os cinemas, como os concertos, exposições, festas que os acompanharam. Na opinião dos críticos italianos, o espaço dedicado ao cinema do Brasil é um dos poucos setores que está correspondendo plenamente às expectativas dos organizadores.

Em outras mostras do festival romano, e até nas apresentações dos filmes em competição, as salas ficaram vazias — tanto que as entradas já estão sendo oferecidas pela metade do preço. O único evento que também não decepcionou, segundo os participantes, foi o

to. Como as declarações do ator Viggo Mortensen, que apresentou dois filmes fora da competição (um deles o fable "Appaloosa", no qual é dirigido pelo ator Ed Harris), e fez um discurso atacando o primeiro-ministro italiano Silvio Berlusconi.

Ou como a passeata estudantil que na sexta-feira passada interrompeu as projeções, protestando contra cortes nas despesas de escolas e universidades públicas decididos pelo governo de direita. O velho diretor do festival deve ter se lembrado que, há anos,

Chegando aos 40 anos de carreira, banda inglesa volta ao Brasil com o CD 'Nostradamus'

Bernardo Araújo

C inco sujeitos que somam quase 300 anos, liderados por um respeitável senhor de 57, que entra no palco em cima de uma moto e berra como um alucinado. Teria Nostradamus previsto que, no distante século XXI — o profeta francês viveu entre 1503 e 1566 —, um quinteto como esse seria respeitado no meio musical e reuniria multidões em todo o mundo? Rob Halford aposta que sim. Ele e a banda que integra desde 1973 (com uma interrupção, nos anos 1990), o Judas Priest, gravaram um disco que conta a história de Nostradamus, e que os trará novamente ao Brasil.

— É uma grande alegria voltar — diz Halford, com simpatia e delicadeza, em uma voz que ninguém imaginaria que é de um careca tatuado, que usa couro da cabeça aos pés. — Quando foi a primeira vez que fomos ao Brasil? Janeiro de 1991, com o Guns 'n' Roses, não foi? Temos uma memória muito viva daquele Rock in Rio, e também de outras passagens pelo Brasil. Vocês são um país muito importante da comunidade internacional do heavy metal.

Um dos principais nomes do gênero em sua história, o Judas Priest vem ao Brasil em novembro (o show no Rio é no dia 14, às 22h, no Citibank Hall) promover "Nostradamus" (Sony&BMG), lançado em junho e elogiado pela crítica por todo o mundo.

Negra, vários elementos que dariam um ótimo disco.

Segundo ele, o tempo em que ficou separado do Priest (de 1992 a 2003 Halford dedicou-se a diversos projetos, enquanto a banda gravava com o americano Tim "Ripper" Owens em seu lugar) foi fundamental para a criação de "Nostradamus".

— Estávamos cheios de gás por causa da reunião, do disco e da turnê — lembra o cantor. — Foram muitos encontros, e aos poucos compusemos o disco. Sabíamos que ele seria diferente. Daí um CD duplo, com mais de 100 minutos de música, e o uso de instrumentos diferentes e coro.

Projeto de DVD para o fim do ano que vem

Os fãs brasileiros devem ouvir algumas músicas do disco, como "Prophecy" e "Death". — Estamos incluindo aos poucos mais canções de "Nostradamus" no show — anuncia Halford. — Nosso plano é gravar um DVD com o disco na íntegra, reproduzindo no palco o que nos deu tanto trabalho para fazer no estúdio. Isso deve acontecer no fim de 2009.

Ele não dá papo para o tema da longevidade do Judas Priest, banda formada em 1970 em Birmingham, na Inglaterra, que tem Glenn Tipton e K.K. Downing nas guitarras, Ian Hill no baixo e Scott Travis na bateria.

Muitos músicos têm uma longa vida produtiva — diz. — O mais valioso é manter a sua música relevante. A parte física, além de uma recuperação física,

alemanas e cambojanos. O único elemento já programado que o novo diretor não mudou foi o país homenageado na edição de 2008: o Brasil.

O festival abriu com uma grande festa na mais brasileira das praças romanas, a Piazza Navona, onde está a embaixada do Brasil. Sambas e frevos atraíram milhares de pessoas para

ruas sobre personagens conhecidos e amados pelo público romano: Oscar Niemeyer, Tom Jobim, Caetano Veloso, Tom Zé, Nelson Freire, Sérgio Buarque de Hollanda, Maria Bethânia, Paulinho da Viola, Pierre Verger e Vinícius, entre outros.

Todos os filmes brasileiros — apresentados na seção Occhio Sul Mondo-Focus — vêm

quanto a participação e ao entusiasmo, foi a pré-estréia de “High school musical 3”: uma multidão de crianças e adolescentes invadiu a maravilhosa sede do festival, o Auditorium Parco della Musica, do arquiteto Renzo Piano.

Mais do que os filmes, porém, a mídia vem analisando os aspectos políticos do evento

ter se lembrado que, na exatamente 40 anos, em 1968, aconteceu o mesmo no festival de cinema de Veneza. Mas, à época, os líderes da revolta eram nomes como Pier Paolo Pasolini, Giuliano Montaldo e Lina Wertmüller. Na Itália de 2008, a garotada que tentou estragar a festa é — pelo menos por enquanto — desconhecida. ■

— Sempre quisemos gravar um disco conceitual — conta o cantor, de Tóquio, no Japão, onde a banda se apresentaria. — Pesquisamos tudo relativo a Nostradamus, em livros, filmes e na internet, e vimos que tinha muito a ver com a história do heavy metal. Ele lutou contra a rejeição, enfrentou a morte de sua família, na Peste

claro, e uma preocupação maior hoje do que quando éramos jovens. Hoje temos que nos cuidar; eu bebia e usava muitas drogas, até que minha voz começou a ficar péssima. Hoje, não faço mais nada disso. Os fãs merecem um show profissional. Eles podem ficar doídos, se quiserem. Melhor para eles. Eu me satisfaço cantando. ■